

Vivências

Luís Anjos

Autor: Luís Anjos

Design da capa: Luís Anjos

Fotografia: Fernando Ribeiro

Ponte Eng. Barbosa Carmona - Chaves

Impressão: Junho de 2023

“*Vivências*” reúne textos que foram sendo publicados nos semanários “*A Voz de Chaves*” e “*Jornal de Chaves*” e no blog “*Chaves – Olhares sobre a cidade*” ao longo dos últimos anos e também alguns inéditos.

Apresenta-se como o resultado de um cruzamento de géneros literários onde podemos encontrar marcas de uma literatura de viagens, de um diário ou de uma coletânea de crónicas.

Em comum, o pensamento e o olhar sempre atento de quem vive e analisa o mundo, os locais e os acontecimentos à sua volta.

À minha esposa e às minhas filhas

Vivências não são apenas registros escritos.
São também muitas outras coisas: imagens,
sons, cores, cheiros, paladares, sentimentos,
sensações...

Às vezes, (se calhar, a maior parte das vezes)
as “Vivências” são um pouco de tudo isto ao
mesmo tempo...

Os Escudos, os “contos” e os “paus”

1 de janeiro de 2002. O Euro chega para substituir o Escudo. As máquinas dos Multibancos começam a dispensar apenas notas de Euros e os Escudos vão sendo retidos sempre que vamos às compras e entregues nos bancos. Hoje, passados todos estes anos, parece-me que já poucos são aqueles que ainda pensam ou fazem contas em Escudos: os mais novos porque não têm memória de outra moeda e nós porque, inevitavelmente, acabámos por nos habituar e já nem quase nos lembramos que um Euro equivalia a 200,482 Escudos.

Perdemos, assim, uma moeda só nossa, como o atestavam os elementos referentes à nossa história nas suas faces. Mas, na verdade, não perdemos apenas o Escudo. Perdemos também os “contos” e os “paus”, pois na linguagem corrente tínhamos três unidades de moeda: o Escudo, a designação oficial; os “contos”, quando se queria designar uma quantia normalmente a partir dos 2000\$00 (dizíamos 1999\$00, mas depois eram dois “contos”); e os “paus”, termo mais popular e que se utilizava principalmente quando se queria realçar que determinada compra tinha sido cara (isto custou-me 500 “paus”...). Hoje só falamos em Euros e, vá-se lá saber porquê, parece que o valor das coisas passou a ser menor: um Euro é (apenas) um Euro, mas 200 “paus” era muito dinheiro...

Com a chegada do Euro acabou-se a necessidade de cambiar moeda (ou “trocar”, como se dizia habitualmente). Pessoalmente, foram poucas as vezes em que tive de “trocar” Pesetas e na última vez que o fiz, para uma viagem a Sevilha, no verão de 2001, recordo-me de no regresso parar num posto de combustível, antes de chegar à fonteira, juntar todos os trocos que tinha e pedir ao funcionário para encher o depósito até àquele valor, pois já não ia voltar a Espanha no tempo das Pesetas.

Curiosamente, por saudade, por fazerem parte de coleções, por estarem perdidos ou ainda esquecidos debaixo de algum colchão, existem milhões de Escudos que nunca foram trocados pela nova moeda. Uma verdadeira fortuna...

Batatas fritas, Coca-Cola e gelado

Lamas de Mouro. Parque Nacional da Peneda-Gerês. Agosto de 2007. Estamos de férias há cerca de uma semana e, à semelhança dos últimos dias, preparamo-nos para mais um almoço no parque de merendas, ali mesmo ao lado do parque de campismo. Sentamo-nos e repete-se a situação dos dias anteriores. A nossa filha, talvez por andar já um pouco cansada e fora da sua rotina habitual, não tem apetite e é a custo que conseguimos que ela inicie o almoço: sopa (como sempre) e vitela assada, acompanhada com arroz branco e batata também assada, tudo encomendado num restaurante ali próximo que nos proporcionou por diversas vezes um serviço tipo take-away. Os minutos passam. A refeição acaba por não ser muito sossegada, pois estamos constantemente a insistir com ela, não querendo que ela deixe de se alimentar da melhor forma. Ao nosso lado, numa mesa a uma dezena de metros, está um casal sensivelmente da nossa idade com uma filha um pouco mais velha do que a nossa. Almoçam tranquilamente, sem qualquer insistência com a filha. Entretanto, na nossa mesa, mais uma garfada e o almoço lá vai avançando, numa fase em que já quase nos apetece desistir. Alguns minutos depois terminamos finalmente a refeição com uma peça de fruta para cada um de nós e respiramos fundo.

Nos minutos seguintes, já um pouco mais relaxados e enquanto tomamos um café, vamos conversando sobre este episódio e perguntamo-nos por que razão temos sempre de nos aborrecer na hora das refeições. Então, a minha esposa diz-me que é uma opção nossa e que não temos de o fazer. Podemos simplesmente agir como aquele casal agiu com a filha: deixamo-la comer batatas fritas com as mãos até se fartar e beber quase meia garrafa de Coca-Cola, e no final, porque se portou bem à refeição e não chateou os pais, damos-lhe um gelado...

É sem dúvida a maneira mais fácil de educar os filhos... mas pensando bem, preferimos continuar a aborrecer-nos. Para o bem dela.

O que sabemos da história da nossa família?

A ideia já me tinha ocorrido por mais que uma vez, mas por falta de tempo ou de oportunidade nunca me tinha dedicado a ela. No outro dia, por um mero acaso, encontrei na Internet vários programas específicos para o efeito. Detive-me um pouco mais, fiz o download de um deles e iniciei a construção da árvore genealógica da minha família. Comecei pelo elemento mais novo, a minha filha, adicionei-lhe os pais e os avós, e fui completando a ficha de cada membro com a informação de que dispunha. Entusiasmado, continuei a inserir pessoas e a estabelecer as respetivas ligações. A falta de informações foi, naturalmente, aumentando à medida que fui recuando no tempo, mas consegui, ainda assim, registar cinco gerações, o que, embora parecendo muito, não me permitiu recuar muito mais do que cem anos.

Reflico um pouco sobre isto e assaltam-me várias perguntas. Afinal, o que sabemos da história da nossa família? Em que terras nasceram e em que condições viveram os nossos antepassados? Como era a sociedade no seu tempo? Que opções tiveram de tomar e de que forma essas opções influenciaram as suas vidas, e até a nossa? Infelizmente, parece-me que a grande maioria de nós não sabe responder a estas questões e não sabe porque simplesmente nunca conversou com os seus pais, avós ou bisavós sobre eles próprios e sobre a vida que tiveram...

Conhecer verdadeiramente a história da família é muito mais do que saber os nomes dos nossos antepassados. É esforçarmo-nos por preservar todo um património familiar riquíssimo e diversificado: fotografias de pessoas, lugares e acontecimentos, livros, objetos pessoais, usos e costumes, crenças e segredos de outros tempos.

Um dia as minhas filhas, e depois delas os meus netos, poderão (se assim o quiserem) continuar este trabalho e conhecer um pouco melhor quem foram, como viveram e por onde andaram os seus antepassados. E com tudo isto, certamente que também se conhecerão um pouco melhor a eles próprios.

Os três círculos

A propósito da tendência que muitos de nós têm de querer controlar tudo nas suas vidas, quer seja a nível profissional ou familiar, e de ficarem ansiosos quando não o conseguem, recordo-me de, há alguns anos atrás, numa ação de formação ter ouvido uma opinião extremamente simples e acertada a propósito desta temática.

De uma forma muito simplista, a formadora dizia-nos que à nossa volta é possível imaginar três círculos. Num primeiro círculo estão aquelas coisas que controlamos, tudo aquilo que conseguimos mudar com a nossa intervenção: a gestão do nosso dinheiro, os nossos hábitos, as nossas compras, o nosso empenho no trabalho, a nossa postura perante a vida e as adversidades... Num segundo círculo estão aquelas coisas que nós não controlamos diretamente, mas que podemos, de alguma forma, influenciar. Finalmente, num terceiro círculo estão todas aquelas coisas sobre as quais não temos nem controlo nem influência: o trânsito que nos faz perder a paciência, a subida das taxas de juro do crédito à habitação, o mau tempo que nos estragou os planos para o fim de semana...

É, pois, extremamente importante saber enquadrar corretamente cada coisa no seu respetivo círculo para depois agir (ou não) em função disso. Feito esse enquadramento, as ações do nosso dia-a-dia devem centrar-se no primeiro e segundo círculos. Na prática, porém, o que muitas vezes acontece é que não conseguimos estabelecer uma correta distinção entre as coisas e acabamos por despender (ou, melhor dizendo, desperdiçar) mais tempo e energia a falar ou a queixar-nos daquelas coisas que não controlamos nem influenciamos e muito menos tempo e energia com aquilo que depende diretamente da nossa ação.

Afinal de contas, esta visão mais não é do que uma outra forma de explicar o que nos ensina a Oração da Serenidade: "...serenidade para aceitar as coisas que não podem ser mudadas, coragem para mudar aquelas que podem ser mudadas, e sabedoria para distinguir umas das outras".

“Entrei!”

2010. Os jovens que este ano entraram na Universidade nasceram no início da década de 90. Todos eles se candidataram e souberam comodamente em casa que tinham sido colocados. Provavelmente, muitos deles acreditarão que o mundo sempre foi assim, tal como hoje o conhecemos, onde, para o bem e para o mal, tudo se sabe online, à distância de um simples clique. Mas o mundo não foi sempre assim e nas linhas que se seguem vou explicar-lhes como era o processo de entrada no Ensino Superior na altura em que eles nasceram.

Residindo em Chaves, tínhamos de contar desde logo com uma meia dúzia de deslocações a Vila Real. Duas para realizar as Provas Específicas (para alguns poderia ser só uma, dependendo dos cursos a que se candidatassem); depois, uma nova viagem para ir ver os resultados dessas provas; seguia-se mais uma para efetuar a candidatura, em papel, obviamente; e, finalmente, uma última para ir ao minúsculo Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior consultar as listas de colocações, impressas em papel contínuo e afixadas de parede a parede. Em cada uma destas viagens havia a oportunidade de encontrar todos aqueles que também andavam nestas andanças e as conversas ajudavam a passar aquela hora e meia ou mais que o autocarro demorava no trajeto até Vila Real, dependendo se era Expresso ou carreira normal. Em todo este processo apenas a mal-amada PGA (Prova Geral de Acesso) era realizada nas escolas secundárias.

Hoje, todo o processo decorre online: a afixação das vagas, a candidatura, a afixação dos resultados... A geração atual tem todas as facilidades das novas tecnologias, tem o e-mail, os SMS's e o Facebook para partilharem, à distância, tudo o que pretendem.

A minha geração, em contrapartida, teve o contacto real, a sensação de estar no meio de tantos outros, com os mesmos sonhos e os mesmos receios, seguindo com o dedo indicador o seu nome numa lista, na esperança de encontrar mais à frente, no final da linha, a

palavra “colocado” e o nome de um curso e de uma Universidade que iriam mudar o rumo da sua vida...

O Clube dos Poetas Mortos

Na nossa memória todos temos um filme que nos marcou. Ou melhor, um filme, um livro, uma canção... Ou, provavelmente, melhor ainda, vários filmes, vários livros, várias canções...

Voltando aos filmes, “O Clube dos Poetas Mortos” foi um desses filmes. Recordo-me que o vi no Porto, por ocasião de uma visita de estudo de dois dias àquela cidade, andava eu, então, no secundário, na Escola Dr. Júlio Martins.

O filme relata a história de um professor de literatura num colégio profundamente elitista e disciplinador. As suas aulas são dadas de forma pouco ortodoxa e quem viu o filme recorda certamente a aula em que o professor incentiva os alunos a arrancarem as folhas de um livro de poesia, pois, segundo ele, a poesia não se pode medir, mas sim sentir e viver. Entusiasmados com o lema “Carpe diem” (aproveita o dia) proclamado pelo professor, os alunos ganham coragem para experimentar desafios e experiências que nunca antes ousariam enfrentar. A dada altura do ano um grupo de alunos descobre um velho “Livro de Turma” do tempo do professor Keating e ficam a saber que ele pertenceu a um denominado “Clube dos Poetas Mortos”. Após uma interpelação ao professor sobre essa vivência do passado, resolvem eles próprios retomar a ideia do Clube e nessa mesma noite iniciam reuniões furtivas numa gruta, nas imediações do colégio, para ler poesia e “sugar o tutano da vida”.

Entretanto, um dos jovens, com grande vocação para o teatro, mas fortemente reprimido pelo pai, não aguenta a pressão e acaba por suicidar-se. Este acontecimento faz despoletar uma situação de confronto e a direção do colégio acaba por afastar o professor Keating, a quem acusam de incentivar os alunos à desobediência.

A cena final é certamente a mais recordada por todos os que viram o filme. Na primeira aula com o novo professor, Keating vai à sala para recolher as suas coisas e, então, os alunos, um a um, põem-se em pé em cima da secretária e dirigem-se a ele com as palavras “*Oh, Captain, my Captain!*”.

“*Obrigado, rapazes*”, são as últimas palavras do professor aos seus alunos.

Do telefax ao Skype

Chaves. Finais da década de 80. Estou numa visita de estudo às instalações dos CTT, no Largo das Freiras e, conjuntamente com os meus colegas de turma, assistimos entusiasmadíssimos a uma demonstração de funcionamento de um meio de comunicação revolucionário na época: o telefax, abreviadamente designado por fax, ou também chamado telecópia. O funcionário dos CTT pega numa folha branca e numa caneta e escreve uma pequena mensagem. De seguida, insere a folha num aparelho semelhante a um scanner, digita um número de telefone e a folha começa a desaparecer na parte superior do equipamento para logo aparecer um pouco mais abaixo, após ter sido “lida”. O destino da mensagem de demonstração foi a estação dos CTT de Vila Real, que passados uns quatro ou cinco minutos nos responde. O equipamento emite um sinal sonoro e, lentamente, uma folha com a mensagem de resposta começa a surgir aos olhos esbugalhados de todos. O telefax representa, explica-nos o funcionário, um grande avanço relativamente ao telex (um outro meio de comunicação da época e já existente há vários anos), pois permite a transmissão não só de texto, mas também de uma imagem, um documento ou uma fotografia.

Leiria. Setembro de 2013. Estou na minha hora de almoço a tomar um café no centro comercial. Na mesa ao lado, um homem de meia-idade termina o seu café, afasta um pouco a chávena para ganhar algum espaço na mesa e abre o seu notebook. De seguida, coloca um auricular no ouvido, ajusta o microfone e passados alguns instantes está em conversa online, com som e imagem em tempo real, com a filha (que tanto poderá estar em casa, como na biblioteca da faculdade, ou em qualquer outro local do outro lado do mundo...).

E pensar que há pouco mais de duas décadas atrás eu e os meus colegas ficámos estupefactos ao assistir a uma simples demonstração de envio e receção de um fax...